

ção é, para o Brasil, uma oportuna opção de segurança, em virtude do seu custo relativamente baixo, além de abrir possibilidades para que as Forças Armadas mantenham o seu nível de operacionalidade e profissionalismo, com efetivos compatíveis com o padrão de desenvolvimento econômico do país.



## TASSO FRAGOSO E A HISTÓRIA MILITAR

Sebastião J. R. de Castro\*

O estudo dos acontecimentos que conformam a História Militar do Brasil deveria se constituir em preocupação permanente dos Estabelecimentos de Ensino Militar de nosso Exército. Somos detentores de um glorioso passado de lutas em defesa da soberania nacional

e da integridade territorial, para assegurar a manutenção da ordem e da lei e para repelir as tentativas de adeptos de ideologias totalitárias destinadas a destruir a democracia.

Vemos, com preocupação, a intencional distorção que é feita por elementos derrotados em passado ainda recente, os quais pretendem se apresentar à sociedade como ardorosos defensores da democracia que eles mesmos planejavam suprimir. Os velhos soldados continuam, porém, a defender os princípios que os levaram, com determinação, a participar das lutas passadas.

E as novas gerações de militares, o que pensam?

Foi então que relendo a obra do General Tasso Fragoso, "A Batalha do Passo do Rosário", encontramos, na sua Advertência Preliminar, considerações que nos pareceram muito oportunas.

O ilustre militar e historiador apresentou a seguinte indagação: — "E por que seria a História Militar do Brasil tão descuidada na antiga Escola da Praia Vermelha, quando aí estanciei durante a melhor quadra da minha vida? Nessa Escola, que era um foco memorável

*de trabalho e civismo e em que espíritos de escol, como Benjamin Constant, para citar apenas o nome de um morto, doutrinavam com sedutora maestria e grande elevação moral?"*

É o próprio Tasso Fragoso que responde de maneira contundente e de forma clara e objetiva. Disse ele:

*"Talvez se possa explicar tão surpreendente antinomia refletindo que, nos últimos anos anteriores ao advento da República, se havia arraigado no espírito de muitos, sobretudo de republicanos, a falsa idéia de que a verdadeira democracia e a fraternidade real entre os povos deveriam assentar preliminarmente no esquecimento e até na maldição de certos fatos do passado, os quais na verdade só deveríamos julgar, transportando-nos à época em que se realizaram, isto é, repondo-os no respectivo ambiente social. Daí o estado de alma da geração militar a que pertenci e do meio que a preparava, onde, conforme de uma feita já o revelei, havia como um temor de falar em guerras em presença de moços que não tinham para com os velhos guerreiros do Paraguai, que desfilavam diante deles alquebrados pela velhice e*

\* General-de-Exército.

*com as fardas rebrilhantes de condecorações, o respeito e a estima que, sem dúvida, mereciam como dignos e leais servidores da Pátria comum.*"

Somente esse trecho já merece uma profunda reflexão por parte das atuais gerações de militares e, sobre ele faremos, posteriormente, algumas considerações.

Mas voltemos a Tasso Fragoso, que assim se expressou: — *"Filiávamos todos os acontecimentos sociais direta e exclusivamente aos governos dominantes e lhes atribuíamos todos os males e, por conseguinte, todas as guerras. Passá-las em silêncio, ou melhor, ignorá-las era, pois, castigar esses governos com a punição merecida e, ao mesmo tempo, dar testemunho de republicanismo inquebrantável e modelar."*

Pensamos haver muita semelhança entre o que foi analisado pelo General Tasso Fragoso e o momento atual. Assim como, na época, se julgava que a democracia e a fraternidade real impunham o esquecimento e até a maldição de certos fatos do passado, notadamente as guerras da época do Brasil reinado e império, também com o advento da Nova Re-

pública, após o período que os menos agressivos classificam como "de governos militares", parece ocorrer algo semelhante. E então nos surgem as seguintes indagações sobre o que estarão pensando as novas gerações de militares:

1ª — Julgarão que devemos relegar ao esquecimento as lutas contra a guerrilha urbana e rural desencadeada por extremistas ideológicos e que as mesmas ocorreram como resultado da ação dos governos dominantes?

2ª — Pensarão que dar testemunho de amor à democracia é ignorar as lutas em que seus antecessores se empenharam, tanto no campo interno como no externo, justamente para preservar a democracia?

3ª — Terão pelos velhos soldados que se empenharam em lutas, hoje alcunhados por seus antigos adversários como integrantes de um "parque jurássico", a mesma atitude que no passado tinham os moços com relação aos velhos guerreiros do Paraguai?

4ª — Serão capazes de bem avaliar os sacrifícios daqueles poucos que são possuidores de uma Cruz de Combate, de uma Medalha de Sangue ou de Campanha

ou de uma Medalha do Pacificador com Palma e que não foram obtidas graciosamente?

5ª — Por que não viveriam os acontecimentos passados, estarão em condições de bem avaliar e julgar as razões que levaram as gerações passadas à luta?

Para responder a tais indagações recorreremos à preciosa lição que nos legou Tasso Fragoso, e assim expressada:

*"Fui vindo por mim mesmo a veracidade de que a História é mestra da vida, fonte perene de patriotismo e que, portanto, não deve ser desconhecida, notadamente pelos militares. Pouco a pouco me convenci de que o estudo de episódios guerreiros das gerações que nos precederam, feito com serenidade e reflexão, é salutar aos moços que vestem farda, pois lhes fortalece o espírito, retempera o caráter e proporciona sólidos elementos para julgarem questões imprevistas e por vezes incandescentes, em que as paixões dominantes, sem as luzes da verdadeira História, acarretariam os maiores desatinos."*

A lição de Tasso Fragoso não pode e nem deve ser esquecida.